N.º 4

Preço — 50 RÉIS

COLABORADORES

A. A. Cortesão, Afonso Duarte, Afonso Lopes Vieira, Anjelo Vaz, Antero de Figueiredo, António Carneiro, António Correia de Oliveira, António Sérjio, Augusto Casemiro, Augusto Gil, Beatriz Pinheiro, Carlos de Lemos, Cervantes de Haro, Correia Dias, Cruz Andrade, Cristiano de Carvalho, Fausto Guedes, Fidelino de Figueiredo, Jaime Cortesão, Jannário Leite, João Augusto Ribeiro, João de Barros, João Correia de Oliveira, João de Deus Ramos, João da Silva Figueiredo, José Augusto de Castro, José Caldas, José Pereira de Sampaio (Bruno), José Teixeira Rego, Júlio Brandão, Júlio Ramos, Leonardo Coimbra, Lopes de Oliveira, Luis Felipe, M. Cardoso Marta, Maria de Castro, Mário Beirão, Miguel de Unamuno, Rafael Ânjelo, Raul Proença, Sanchos de Castro, Sousa Costa, Teixeira de Pascoais, Veiga Simões, Verjílio Ferreira, etc.

Director, proprietário e editor — ÁLVARO PINTO

Redacção e administração

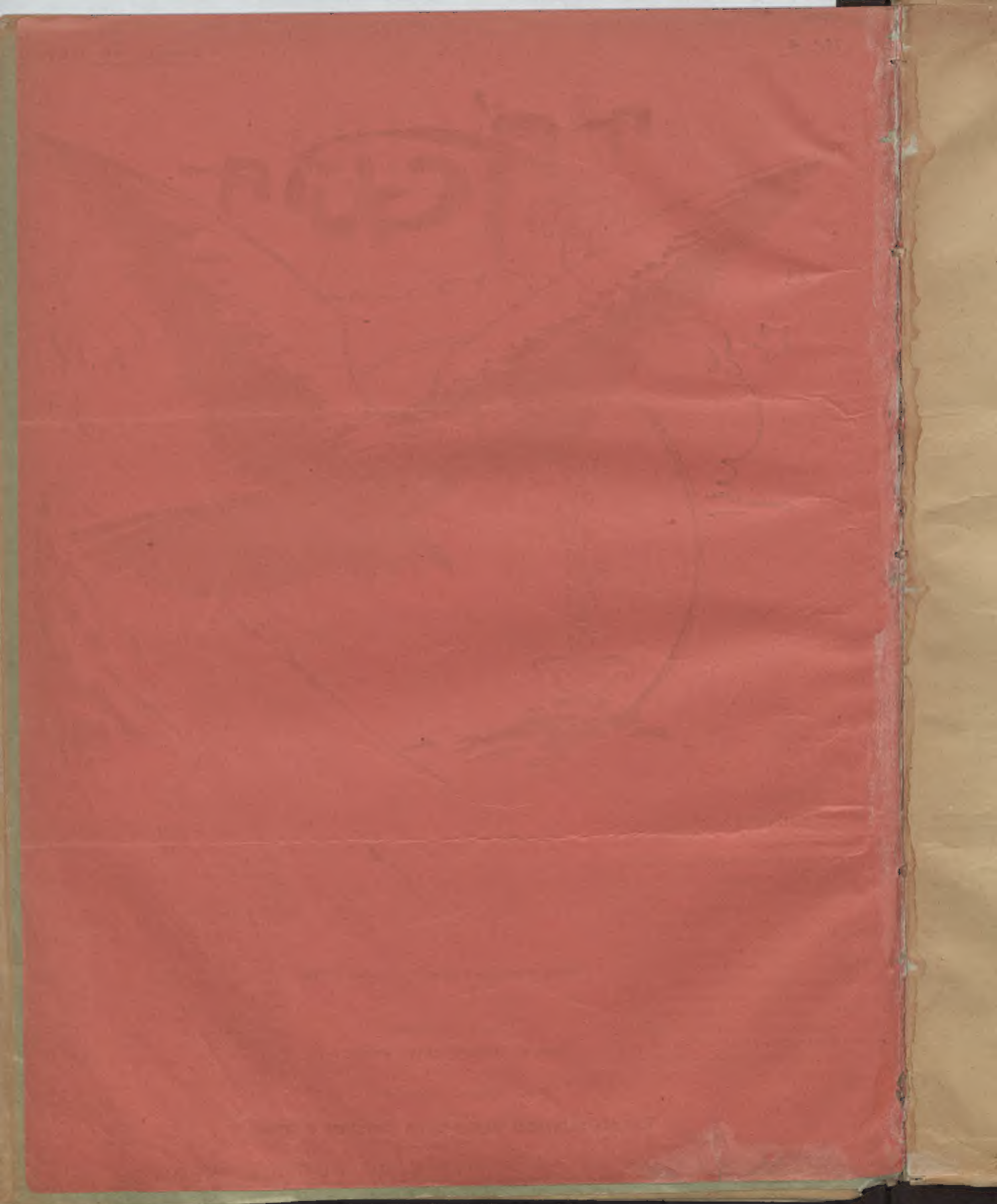
Rua da Alegria, 218 — PORTO

Porto - Tip. da Emprеza Guedes - Rua Formosa, 244

SUMÁRIO

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

N.º 4 — 1.ª Série | **Porto, 15 de Janeiro** | **Ano I — 1911**

A ÁGUIA

REVISTA QUINZENAL

Director, proprietário e editor
ÁLVARO PINTO

Preço do número — 30 rs.

Assinatura — 10 números, 500 rs.

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da
Emprêza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

MERCÚRIO — **Estudo para o «plafond» do salão de leitura da Associação Comercial do Porto**

(Sanguínea de António Carneiro.)

AS QUEIMADAS

De noite, nas planicies desoladas,
—barros sangrentos, campos de restolho—
ha vivos, fulvos tons... P'ra aonde eu ólho
contorcem-se Queimadas...

De longe espio a immensidão e afógo
na agitada pintura
os meus olhos, que vão na curvatura
das coleantes espiraes de fôgo.

E é uma téla barbara de espanto!
De vida nómada em visões mouriscas!
... Em luto, o ceu bórda o nocturno manto
dum estrelado vivo de faiscas!

Igneo explendôr!
Colorações fantasticas de estios
á hora do sol-pôr!

Na immensa noite a arder callam-se os rios,
rimances pastoris pelas estradas,
coaxantes ais em pantanos sombrios...

no silencio crepitam as Queimadas.

E em lubricas caricias de veludo
a chamma oscilla... e em desespero mudo
sepulta em cinza matos de piorno,
e ameaça agora os sobreiraes... Em torno

fôgo fugido:
oh que belleza desvairada encerra
na escuridão!
Rubro scenario que deslumbra e aterra
vae diabolicamente de vencida,
como archotes accêsos em corrida
passando rapidos de mão em mão!

E o vento—o magico pintor—delira,
contorce a chamma em espiral convulsa,
mordendo a téla em desgrenhada ira
com invisiveis mãos aonde o genio pulsa!

Cégo os olhos, a olhar: volutas fulgurantes,
desmanchados borrões lançados num desprezo,
caprichos de Veronese
em télas febricitantes!

E nem fica um refugio a que se acoite
um tresmalhado lobo vagabundo:
fica um brazeiro illuminando a noite,
a noite silenciosa, o ceu profundo.

* * *

Oh Queimadas a arder pelas encostas,
pelos ermos sertões,
é ao vosso clarão, que, em circulo, mãos postas,
soltando as orações,
vejo um povo moreno e resignado
povo infeliz, que ao sol guardando o gado
mórre a sorrir e vive a suicidar-se
tendo a terra que abriu por derradeira cama
de joelhos como um parse
a bemdizer, a abençoar a vossa chamma!

oh Povo, em cuja voz ha echos de balladas
que uma outra voz cantou
e ficasse talvez morrendo nas quebradas
por onde certa tribu um dia vagueou,
ergue as mãos sobre o peito e fica assim rezando:
o fogo é redemptor;
se no teu lar ha fóme e filhos soluçando
o trigo é pão em flôr.

O trigo vem da luz que reverbéra,
das chammas de oiro—deslumbrantes aras—:
... no mato em cinza pela primavera
hão-de explender ondulações de searas.

E porque eu sou da mesma ardente raça
e trago nos meus olhos extasiados
a saudade nostalgica dos gados,
do sol e das campinas,
ergo as trigueiras mãos, cheio de graça,
e as orações rezadas a tremer
vão para vós—incensos derramados—
oh fogueiras divinas,
oh Queimadas a arder!

Mario Beirão

Baixo Alemtejo: Charneca das Naves, 1909.

Os enjenhos da Fome

Assenta a minha aldeia numa pequena colina, e para a frente estende-se o vasto, o verde campo em muitas léguas ao redor, todo serpeado de rios, de ribeiros e fios d'água infinitos.

E veio basto d'água corrente, que passe gorgolejando madrigais ás hervas, lá tem, curso abaixo, os enjenhos (ou noras) dependurados á beira e mergulhando no seio líquido com a vasta roda o seu rozário de alcatruzes, prontos a carrear essa bondosa agua, que irá, caleiras fóra, até á raiz sequiosa dos milheirais. Um velho boi puxa, continuamente vigiado, não vá ele parar, por uma creancinha que canta. O lavrador, sob a torreira do sol, guia a água com o sacho. E nessas tardes sufocantes de julho, entre o riso da verdura molhada, a nora geme, tem arranques de mágua, o chôro perdido dum pesado cativeiro, unindo na sua voz os humildes lamentos do homem, do animal e das coisas, repetindo sempre o mesmo doloroso esfôrço.

O enjenho chora. Caem lágrimas dos alcatruzes. Lágrimas de água e de Dôr que regam o pão que nós comemos. Mas esse povo escravo, esses humildes pobretões, que amassam com tantas lágrimas o pedaço de brôa que os alimenta, têm sêdes bravas d'Amôr como ninguem. Mal aos rapazes aponta um ralo buço e no sádio corpo, curtido pela agrura do tempo e pelo mau passadio, os músculos cantam energias exuberantes, e ás môças seios e ancas arredondam, presentindo o gôsto de se darem, logo nas danças, á beira da fonte, nos intervalos da sésta, ou á noitinha, quando, após um dia inteiro de trabalho rude, o coração tem sêde de caricias, uns e outros começam a urdir a pouco e pouco uma enleada, amorosa teia, que se vai apertando de tal arte, que eles, aos pares, sentem que, á viva fôrça, teem de se enlaçar nos braços. Novinhos ainda, casam-se. E sam ás vezes tam pobres, que têm apenas esses braços que cavam e se enlaçam.

Pobres deles! Vêem os filhos, a doença, as dividas, a brôa que se pede emprestada, a roupa vendida, as zangas, a miséria, a fome. E por fim a morte. A estes casamentos chama o meu povo «enjenhos da Fome». Digam-me agora lá se conhecem mais dolorosa ironia? E' que é aquilo mesmo.

Põe-se a roda da fortuna a desandar, a gemer, a gemer... alcatruzes vêem e voltam a multiplicar desgraças furiosamente... E o caso é que ás vezes a roda não pára mais.

Que grande Poeta que é o Povo e como ele tem a coragem desesperada de encarar de fito a Dôr e rir-lhe depois na cara...!

Os outros, os que nunca trabalharam, têem-lhe tanto medo, que fingem não acreditar nela e nem gostam que se lhes fale disso. Afinal arrependem-se ás vezes dessa falta de atenção. O que eu por mim lhes digo, é que já tenho visto coisas bem tristes. Tam tristes até, que dou comigo muita vez a fazer perguntas estranhas, nem sei a quem. Agora me lembra uma história que durante muito tempo me trouxe alheado, surpreso de mim mesmo a cada passo, e a perguntar, a perguntar, sem que encontrasse reposta que me satisfizesse. Querem vocês ouvir?

...Talvez alguem depois me possa responder. E olhem que já vos aviso: isto é verdade, núa e crúa. Que isto de histórias — as melhores, nem sempre sam as que se inventam.

Olhasse a gente bem, que escusava os romancistas. Ora lá vai:

Conheci eu um desses pares, que bem cedo se casou. Ele era filho das hervas, e vivia da enxada, cavando de sol a sol. O moirejar contínuo, os maus tratos da Sorte e as humilhações traziam-lhe sempre um mau saibo no coração, e a tristeza apagava-lhe tam humildemente a luz do rosto, que tinha o ar de quem pede perdão aos outros de ter nascido. Mas houve môça que lhe sorriu e aquele coração espesinhado, que era como um chão tam sêco, que nunca lhe coubera gota de água, reverdeceu de súbito num Amor tam ansioso e tam deslumbrado de Ventura, que o enchia de Desejo e de uma fé cega na Vida.

A gente pode lá imaginar o que é ser pobre e escravo, andar sempre aos baldões, levar pontapés de todo o mundo, ter um coração e ser usado com uma coisa desprezivel, e de repente haver uma mulher nova, seja ela quem fôr, que nos diga sem palavras, com o coração nos olhos, que nos quer tanto, que será nossa?! E' um abismo de luz, é uma cegueira extasiada. E foi por isso que ele se casou.

Ela era pobre, que nem môça rica olharia para o mísero. Orfã de pai e mãi, vivia num casebre, desguarnecido á custa de miséria, em companhia da Avó, cujos rogos e conselhos não tiveram a fôrça de os convencer. A roupa nova que eles levaram á igreja tinha sido emprestada. E o seu leito de núpcias foi um feixe de palha arrumado a um canto da casa, sem um lençol sequer, que apenas uma velha coberta alindava a cama. Aquilo havia de ser uma noite de núpcias á Rodin: revelações da Carne gaguejadas em gritos, as caricias que fazem tremer e desmaiar... e o extasis religioso das feras...

A princípio tudo foi bem. Trabalhavam ambos muito e as agruras da miseria afogavam-nas eles em aluviões de beijos. Depois veio o primeiro filho; as dificuldades aumentaram, e para vestir o menino já ela tivera de sacrificar parte do seu resumido bragal de trapos. Mas a pobrezinha deliciava-se até nos sacrificios e nos sofrimentos, passados por amor daquela joia e recordo-me ainda nessa época de a ver passar com o bambino preso ao chaile e apertado ao seio, a dizer-lhe coisas enternecidas, de quem trazia o Céu nos braços.

E o mais alto Amôr não será aquele que póde elevar á felicidade á nobreza de saber soffrêr?

O peor é que o marido entrou nas sortes e má sorte lhe coube que ele teve de ir para soldado. A mulher chorou longamente emquanto o homem, com aquela ideia atravessada na garganta, lhe dizia apagadas consolações, engulindo as próprias lágrimas e os próprios soluços.

O que até certo ponto os consolava é que a cidade ficava perto e eles se podiam ver bastas vezes. Nos dias de licença, em que ele voltava a casa de sacola ao ombro, era um recomeçar de idílios, cheios de beijos sôfregos, repartidos pela

Os Colaboradores d'A Águia

Jaime Cortesão (Desenho de Cervantes de Haro.)

mulher e pelo filho, esquecidos ambos, um momento, daquela negra sorte. Mas as desgraças sam como as cerejas—quando vem uma, traz logo umas poucas atrás. Foi assim que o filho e a Avó lhe adoeceram ao mesmo tempo, trazendo já ela no ventre outro filho.

Até aí trabalhava por fora, nos dias, e em curtos intervalos dava de mamar ao filho e alegria ao seu coração. Mas agora os cuidados da enfermajem não a deixavam parar fora, e o pouco dinheiro que tinha da ultima féria e do soldo do marido fôra devorado pela botica, de modo que para não morrerem de todo á fome tivera de vender uns últimos trapos.

Morta a Avó, era ela que adoecia, depois do segundo parto. Sem ninguem que a tratasse continuadamente, logo ao segundo dia teve de se levantar para acudir ás primeiras necessidades e tratar dos filhinhos que a reclamavam. Começa então uma vida crudelíssima de misérias: é o favôr das vizinhas, roubando um pouco de tempo á tarefa caseira para lhe acudirem, o desmazelo obrigado, as dívidas, esse desalento horrivel de quem principia já a sentir-se fóra da Vida, e a caridade que se começa a cansar... No regimento o homem vivia tam amargurado que se esquecia das ordens recebidas, desaprendia o serviço, desleixava-se de contínuo, e o que ao princípio fôra tomado por estupidez, entravam a suspeitar que fôsse preguiça e os castigos principiaram de chover sobre o malaventurado.

Se até aí já era pouco o tempo em que podia visitar a casa, agora mais lhe era cerceado, para aprender assim a ser cuidadoso, diziam lá no quartel.

Não sei porque milagre é que a coitada da mulher conseguiu arribar e recobrar um pouco da perdida saúde. Para quê? Se a vida já lhe não dava um instante de alegria e o coração batia numa perpétua angústia, como se cada pancada fôsse um rebate de ansioso receio por alguma desgraça iminente. Começou a fome a visita-los amiudadas vezes, e o que a ralava mais era ouvir chorar o filho mais velho a pedir de comer e vêr-lhe nos olhos tristes áscuas famintas. Certa ocasião, num momento de desvario chegou mesmo a pronunciar esta inconveniência: «Dizem que nós que somos ladrões. Entam eu, se agora visse bróa, não a havia de roubar para matar a fome aos meus filhinhos...?»

Depois, com olhos aflitos, onde já nem as lágrimas nasciam, lá ia de rastos mendigar uma côdea, rija que fôsse, com que podesse enganar a fome aos desgraçadinhos.

As mais das vezes negavam-se-lhe, e aquilo era levar bofetadas no coração.

De inverno ainda era peor. A casa esburacada mal suportava as iras do tempo; e vento, chuva, geada eram de noite os únicos companheiros daquela desgraça. Noites de inverno havia, em que os pequeninos entanguidos de frio nem podiam dormir, a chorar e a tiritar. Como não tinha roupa com que os agasalhasse, muitas vezes tinha de sair de noite sob os insultos da ventania a rebuscar por algum pinhal agulhas e ramos secos, para acender o fogo na rejelada lareira. E para que os filhos se calassem e lhe adormecêssem no regaço, tinha de passar a noite, sem dormir, chegada ao lume, que com o seu bafo de fumo, lhe acalentava os pequeninos. Mas para que hei de eu estar a prolongar esta história triste, desfiando as contas arripiantes desse rosário de miserias?

A pobre chegou a andar quasi nua.

Na face livida os olhos encovados tinham o brilho desvairado de alguem que, ao afogar-se tenta ainda um último esfôrço para salvar-se. Um outro filho veio e com ele voltou a doença e o abandono extremo.

Foi numa noite invernosa e de frio cortante que ela morreu. A' sua volta como pequeninos lobos desvairados assaltando uma presa, dois dos filhos ganiam de fome e chegavam-se-lhe furiosamente ao corpo esquelético, donde lhes vinha um fogo estranho, emquanto o mais pequenino procurava, em chôro, o seio mirrado da mãe, onde já não havia gota de leite.

Então, a escaldar de febre, no último lampejo da consciência, a que o delírio dava já fulgurações sublimes, essa pobre Alma varada por mil ferros de angústia, a arrebentar de Dôr, de Fome e de abandôno, arrancou de si todos, todos os pobres farrapos que a cobriam para agasalhar mais as creancinhas, e cravando as unhas no seio até o fazer sangrar, deu-o assim, ao filhinho. Depois começou em gritos débeis e abafados, que não alarmassem os meninos, a oferecer-se raivosamente á Morte.

Nessa altura é que as lágrimas ha muito tempo

represas lhe vieram aos olhos. Mas eram já lágrimas de Felicidade, duma ventura de sonho delirado e agonizante, em que ela apertava os filhos ao seio, os amimava e os via emfim agasalhados, bem vestidos, nédios e protejidos da Fortuna.

Nessa noite houve soberba gente, opulenta e ociosa, que dormiu mal, a cabeça desvairada por estranhos pesadêlos e que ao almôço, ao meter o garfo na boca, sentiu inexplicaveis engulhos.

De manhã as vizinhas, que não ouviram por largo espaço bulir de vida no casebre, entraram para ver o que se dera.

A mulher, núa de todo e ensanguentada, estava morta, com as mãos ainda enclavinhadas contra o peito e nos olhos desmesuradamente abertos um gelado clarão de espanto. Dois dos filhos, meio mortos tambem de frio e fome, dormiam chegados a ela e cobertos de farrapos, e o mais pequenino, que apenas tinha semanas, chupava desesperadamente no seio da mãe aquele frio leite de sangue e de agonia, cravando os beiços na carne esfarrapada.

Quando quiseram enterrar a mulher buscaram em toda a mansarda, sem que encontrassem um reles dum trapo com que a vestissem.

Era o último alcatruz do enjenho, que subia, a trasbordar, do rio da Fome...!

S. João do Campo.

APHRODITE

As legendas antigas dos Hellenos
contam que numa práia, certo dia,
quando a Idade de oiro alvorecia,
dentre a espuma das aguas nasceu Vénus.

Fazem-lhe côrte as Graças; vêm os ténues
Zéphyros levantá-la da onda fria;
e se o límpido olhar aos céus erguia,
o sol, o proprio sol brilhava menos...

Ao claro Olympo as Horas a levaram;
viram-na os Deuses... Deusa a proclamaram
da Belleza e do Amor. E desde então,

o Mar, que teve a glória de gerá-la,
ergue as vagas ao céu para alcança-la,
chama, grita por ella — mas em vão!

Lisboa.

Albuquerque Martins

O POETA

Eu era na Montanha. Cerrava-se pouco a pouco a boca do homem e começava o murmurio do Silencio. Em baixo, perto e ao longe, uma nevoa fina, casando-se com o fumo dos lares, envolvia a terra em sonho e recolhimento. Na Montanha começava o coloquio dos humildes. Junto a mim uma planta rasteira e anonima entregava o coração ao vento misterioso do crepusculo. Estremecia d'um modo singular, inquietante.

A Montanha concentrava a sombra nos flancos. Eu olhava e sentia correr em mim o tempo. Uma profunda tristeza, espessa, bem material, me apertava o coração. Ao meu lado uma arvore; que eu amo e, ha muito, conheço no sofrimento; poz-se a entornar sobre mim pesadelos de sombra. E' um velho carvalho. Alto, contorcionado, ergue os ramos convulsos na serenidade da Sombra.

As suas raises são vagalhões petrificados.

Lá em cima a vida é rude. Ha ventanias arripiantes. Os seus ramos subiram a alturas onde os ventos insofridos ululam.

Por isso aquela arvore penetrou a montanha, espalhou sobre ela aquele cordame de raises.

Procuro atinar com as falas do Silencio. E é cada vez mais espessa, mais negra e material a minha tristesa. Sinto corações na sombra, diluidas ternuras, ignorantes amôres que se buscam. E cada vez, mais materialmente, dentro de mim, sinto correr o tempo.

E começo a comprehender as falas do Silencio. Tudo soluça, porque tudo se fala no seio do Amôr.

E' na *Eternidade* que se tocam as creaturas mortaes. Tudo o que morre quer afirmar a imortalidade do seu amôr. Esta pobre naturesa, que me cerca e eu beijo, é, como eu, victima do Tempo. E agora sinto correr o Tempo por sobre todos os amores e vejo o horisonte coberto dos cadaveres de tantos sonhos, aspirações e afectos. Esta anonima planta estremece inquieta, porque ao abrir dos labios para erguer a *palavra*, ao rasgar do coração para espalhar o Amôr, responde a cegueira do Tempo, que apaga a palavra esboçada, que dispersa o amôr iniciado.

E ela clama no misterioso, solitario espaço! Clama como um protesto e como uma suplica. E além, no despido aconchego d'aqueles lares, eu vejo mãos erguidas que imploram *eternidade*. Alguem dentro de mim responde a esses gritos de aflição, que pedem socorro.

Esse alguem é o Poeta. Olhos incendiados, coração em pura chamma d'amôr, ele caminha, soberbamente glorioso e triste. Ele, só ele, sabe extrahir a eternidade ao instante. Ele vai dizer a todas as cousas mortaes que ha eminencias, que dominam o Infinito. E, no seu coração e por virtude do seu amôr divino, as cousas efemeras se volvem imortaes.

A eterna presença das grandes virtudes, das grandes dolorosas experiencias, o Poeta a realisa.

Sofrimentos humanos, esperanças humanas, anciedades humanas o Poeta as torna permanentes na vida do homem. Os valores móraes não se perdem na humanidade, porque sempre o coração

do Poeta os recebe para os eternisar. Não se perdem no Infinito? Ainda o Poeta os ergue ás eminencias sobranceiras, dominadôras de Deus. E ou a verdade ultima do Universo é um sarcasmo, ou ne *eternidade plena* coloca o Poeta todas as obras do Amôr.

Sêr Poeta é eternisar o instante, é fazer da vida um continuo deslumbramento, um permanente convivio com Deus. Deus omnipotente? Se a nossa rasão é uma mentira, pode Deus ser impotente, incompleto.

Se não é a nossa rasão um ludibrio, é Deus a plenitude infinita. Mas sempre o Poeta é divino, porque nos exalta, nos eleva, nos sublima. E' ele o ponto de contacto da nossa pobre alma quotidiana com a nossa *efemera* alma sublime.

E é indiscutivel a existencia d'uma realidade espiritual para além e por cima da humana realidade consuetudinaria. Perfeita, infinita? Misterio. Mas no misterio vivem as almas e, sem ele, impossivel seria a existencia. Não o misterio sombrio do Destino, mas o claro misterio da inesgotabilidade do Amôr.

E no misterio o Poeta canta, e, no misterio, se eleva luminosa a sua fraterna oração de piedade e amôr. O Mundo sem misterio é absurdo; seria um todo acabado e perfeito, não seria Mundo, mas Deus. A objectivação completa seria o aniquilamento da alma, a dispersão absoluta.

Na fluidez do misterio é o seio inesgotavel de amôr, onde as almas se alimentam; onde a virtude, o esforço, a perseverança mergulham raizes de sofrimento para erguerem as flôres da fraternidade e da candura.

N'esse oceano do Misterio o Poeta mergulha e, a sorrir ao Sol, ele levanta nas evangelicas mãos as perolas da bondade oculta, silenciosa e humilde.

Assim falou dentro de mim o Poeta.

A Noite vestira de sombra a natureza inteira. E no recolhimento da Sombra, homens e coisas se abandonavam n'uma confiança infantil. Desci vagarosamente a Montanha, sentindo que ia medindo com beleza os momentos, que vagarosamente se enchiam do meu coração. E já não corria o tempo sobre as coisas; elas dolorosamente iam tecendo o seu tempo, perdendo uma parte da obra em tentativas e imperfeições. E, na cordilheira mais elevada da minha alma, eu via brilhar um sol eterno, de pura luz. Ao chegar á aldeia encontrei uma creança esfarrapada e triste. Diluido em amôr, enternecimento, humildade e orgulho beijei loucamente essa creança.

. . . .

Como eram transparentes, como eram brancos os olhos da Eternidade!!

Leonardo Coimbra

A Boa Nova

a Tomaz da Fonseca
a Lopes de Oliveira

Isto foi entre um povo distante mas sobre a mesma Terra e á luz do mesmo Sol.

Tinham-se os Homens reunido, porque se amavam, para serem felizes em plena Natureza.

Sobre cada colina erguida ao meio do Mar doirado e farto das seáras onde a agua cantava em honra de Pan e para gloria dos Homens, — vinham os Homens consagrar a Vida generosa.

E a vida e o tempo, enlaçados numa ronda de harmonias e vitorias, íam triunfalmente revivendo no germinal eterno duma alegria heroica.

A' hora religiosa dos crepusculos doirados, na doçura da Noite caindo devagarinho, os Antigos contavam, recordando, o sofrimento que iluminára uma vida passada, cheia de ingloriosos combates e miserias e maguas. Emquanto, ao redór, as vózes fórtes dos moços diziam desejo e Amor, e alegria fecunda e enternecida força... Depois as creanças em alegres rondas animadas e cantantes, em volta dos troncos velhos, sorridentes, — anunciavam, cantando, a interminavel promessa do Futuro!

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Miguel de Unamuno
(Auto-desenho.)

Era numa terra em que o espirito dos Homens sabia perceber o espirito das coisas silenciosas.

Em que os Homens e as coisas sorriam enternecidos á passagem da Mulher-Mãe que despertava, trazendo um oceano de Vida nos seus flancos fecundos...

As arvores amanheciam cobertas de grinaldas de rosas, e o pão da terra que as colheitas dos Homens produziam para todas as boccas egualmente, — dizia a ancia maternal da terra fertil e fecunda.

Pelos olhos de todos andava reflectida a mesma luz no mesmo bom Amor. E quando duas bocas se procuravam ávidas de beijos, puras e creadoras, em plena luz as bocas se beijavam divinamente confundidas.

E havia um bosque chamado dos Amores e uma colina onde os Homens iam saüdar o Sol.

*

Com a Primavéra e a seiva nova dos troncos remoçados, veio uma nova alegria aos Filhos da Terra. Em cada coração e em cada lar, — templo de todos — a Natureza refloria e um perfume de desejo e o Sol vibrante embriagavam, coroavam os sêres e as coisas...

E as flores recem-abertas, florescendo a perder de vista nos campos sem limites, curvavam-se para quem passava julgando-se já frutos.

A grande festa da Primavéra começava nas coisas e nas almas, — e a terra toda era uma flôr imensa a exalar seu divino perfume que azas de névoa nas manhãs esplendidas, e o silencio e o luar em noites encantadas, e a luz do Sol, iam erguendo ao céo.

Era com a Estação nova que os corpos prometidos e belos se entregavam, divinisando o Amor com as bocas unídas como as Almas, para gloria da Vida e sob o olhar sorridente de Deus.

Romarias ruidosas de noivos abraçados e cobertos de rosas iam engrinaldar as arvores velhinhas do Bosque dos Amores, e beber a agua pura e cantante da Fonte da Paz correndo entre olivedos.

E iam seguindo os bandos, iam seguindo como todos os annos, na alegria transbordante, sob a luz forte e entre a paisagem rutilante e larga.

E um lar que florescia do abraço generoso de dois corpos perfeitos, era uma arvore a mais na floresta radiante de Justiça e de Amor...

Foi quando as amendoeiras eram já todas brancas sobre a paisagem, que os Filhos da Terra o encontraram, caído de cansaço, na orla da Floresta, junto á estatua d'um fauno triste e comovido.

De longes terras ele viria, o desconhecido, — de terras bem diferentes — que o seu aspéto dizia aos olhos bons dos Homens o que os Homens não conheciam na sua Ventura; e não tinham seus olhos a doçura e a calma dos que sabem amorosamente vêr...

Ensombrava-lhe o rosto uma magua infinita, filha da Sombra, como a duma alma esmagada e vencida em inglorios combates, amortalhada em Vida sem avistar a Canaan porque se morre.

E os filhos da Terra entreolharam-se, condoidos e surprezos, deante daquela sombra filha da dôr dum outro Mundo...

E sofreram porque a sua alegria era sómente feita da alegria de todos, e havia homens que sofriam sobre a mesma terra e sob o mesmo ceu.

Caía a noite sobre as coisas, silenciosamente...

E no silencio religioso dos crepusculos, todos se recolheram...

*

De longe, por entre a ramagem que se afundava na sombra, vinham os cantos da Tarde e a voz liquida das aguas correntes, soando de quebrada em quebrada, perdendo-se no ar.

Morrêra o Sol num tumulo de brazas que se iam apagando, amortecidas, no ar macio e palido de sombra.

E a palavra dos Homens dizia no limiar de todas as portas engrinaldadas e amplas, ao silencio divino, a saüdação da Noite...

* * *

De longe vinha elle, doutro mundo e de entre outros homens mais desgraçados e sombrios...

O seu olhar, parado e torturado de magua, dizia o infinito duma intraduzivel dôr. E porque os filhos da Terra a compreenderam, sobre os filhos de Deus foi descendo uma infinita e humanissima tristeza.

*

Tinham-no levado para o Bosque da Concordia, para a clareira semeada de estatuas alventes onde se realisava a festa da Maternidade e as creanças brincavam pelas horas de Sol.

E ali era ainda a luz universal e materna do Sol que illuminava as trévas da noite, porque os Homens a tinham descoberto no seio profundo e inexgotavel das coisas para que nunca a Terra e os seus olhos se sentissem orfãos pela escuridão.

Da paisagem oculta, respirando na sombra, vinha o silencio revelador que transfigura as almas.

Religiosamente, o espirito dos Homens aproximou-se mais das coisas no silencio em que vidas infinitas palpitavam, opressas, como á beira dum Mar imenso cuja voz sómente os Poetas escutam, delirando.

*

E foi no silencio religioso da Floresta que uma voz se ergueu dolorosa e dolente, dizendo a intraduzivel dôr dum outro povo donde vinha, as geenas malditas onde o Sol não chega, e a miseria duma falsa vida e o desamor e o Odio...

E foi dominando tudo, num calafrio que percorria as coisas mudas e se alastrava indefinadamente no silencio suspenso e opaco da sombra.

Disse a miseria dum mundo em que o homem oprimia e escravisava o homem, vendando-lhe os olhos com uma nuvem de sangue e preconceitos; em que a carne sagrada e creadora se vendia ás caricias infames, nos prostibulos sombrios onde a Maternidade era profanada e maldita...

E num crescendo colossal de tempestade a sua voz, vibrando em revolta e colera divina, contou como os homens dessa terra maldita se deixavam morrer lentamente nas oficinas lobregas e negras onde o oiro preverso se fundia nas lagrimas duma multidão inconsciente de escravos.

As suas palavras ululadas, transparecendo uma Dôr infinita, soavam no silencio como blasfemias.

E era bela a figura dolorosa a recortar-se na tréva!...

Simbolo da miseria duma raça, aquele corpo que uma loucura de Revolta sacudia aos estremeções de raiva, em subitos arranques de vingança, farejando sangue, — era sublime vê-lo transmutado, como um Isaias trovejando um *Dies irae* estupendo, na tempestade em que um sopro libertador de Justiça perpassava.

E os filhos da Terra, vendo a Transfiguração da Dôr, olharam-no assombrados, num fremito revolto em que despertava uma consciencia nova...

Fizera-se mais fundo o silencio da noite...

A propria Terra e a Noite se recolhiam assombradas no regaço da tréva que espreitava ao longe, lambendo a luz esparsa, na orla da floresta donde vinham ruidos interminaveis, longinquos...

E a voz ergueu-se de novo no seio do silencio.

Contou como a Terra era de alguns apenas, e como a dôr escrava a revolvia fecundadoramente para que o pão faltasse á infinita maioria, — o pão que a Terra dá para todas as bocas.

...E o horror das vãs carnificinas e o desvairamento dos póvos cegos que se apunhalam na sombra inutilmente.

Os anciãos, em volta, reviam o Passado tormentoso, ouvindo as lagrimas lentas que caíam...

E um grande pezadelo os oprimia e torturava a todos, como um flagelo que viesse de novo a uma região ha muito abandonada e prospera...

No Silencio, num olhar doloroso bebido pelos olhos de todos, os filhos da Terra encararam-se dolorosamente...

— Era verdade então que sobre a Terra, — sobre a Terra fecunda e boa — se sofria e se blasfemava por causa da maldade dos homens, — quando a Vitoria facil no-la mostrava tudo, na radiosa palpitação da vida que os rodeiava a eles?

Seria possivel que as auróras se sucedessem todos os dias, com o Sol ressuscitado e radiante, havendo homens mergulhados nas sombras, filhos tristes da Tréva, inutilmente á espera duma aurora de libertação?

Que era então a sua ventura, a ventura inimitavel deles, se os seus irmãos não tinham encontrado ainda o caminho da Vida, sofrendo muito sobre a Terra, á luz dum Sol que os crimes dos homens ensombravam como filhos malditos que insultassem a Luz?

Como se enganavam se a sua victoria não libertara todo o mundo, como era incompleta e vã a felicidade

que tinham encontrado, se sobre a terra se ouviam ainda interminaveis blasfemias!..

E os filhos da Terra escutaram o silencio que dizia as infinitas dôres e as santissimas revoltas. E as trevas impenetraveis e impassiveis, num circulo cerrado, procuraram sufocar a clareira aonde as estatuas contemplavam fixamente a propria sombra...

* * *

O desconhecido passou a noite sob os tetos das casas dos Homens. Despertara-o o Sol nascente aquando á cidade toda engalanada, escorrendo oiro em dalmaticas solemnes, no desdobrar iluminado da paisagem. Com uma nova alma ele aparecia á vida, trazendo nos olhos o reflexo duma luz nova que o silencio fizera desabrochar em seu espirito, — flôr ignea de dôr e de esperança, trofeu iluminado de Vitoria, de Revolta e de Blasfémia.

Assim o desconhecido olhou a terra diferentemente, envolvendo-a num demorado olhar de benção e santificação...

Aos seus ouvidos chegavam os rumores claros da Festa pagã e ruidosa, e os rumores da Festa da Terra foram para ele como uma Iniciação...

Vieram as creanças saüda-lo, ao horto que rodeava a casa onde dormira, alvejante de flores nos macissos verdes remoçados e quêdos... Ele ficára a olhar demoradamente, numa instinctiva nostalgia, — a figura gelada duma ninfa á tona d'agua, suspensa no receio de ser vista, — por que em volta do pequeno lago, entre a verdura, alvejam os torsos brancos dos faunos irrequietos...

Fórma espiritualisada de marmore, vivendo a febre creadora dum cinzel divino, sobre a agua murmurante que caía da gruta, — a ninfa receiosa sentiu o olhar desconhecido do Homem despertando a uma nova luz...

E o Passado failou na agua, sob o olhar da ninfa, ao espirito iluminado e desperto, — para que o Homem conscientemente desejasse reviver o Passado perto do coração fraternal de todos, mais junto ao coração de Deus.

Vinham as creanças perto e cantando...

Já o rodeavam sorrindo e o envolviam numa onda sonóra e timida de Vida...

Depressa ficaram as estatuas do horto engrinaldadas, calmas sob as flores contentes...

E, a voz das creanças disse o hossanah da Vida, glorificando-a e

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

João Augusto Ribeiro
(Desenho de Verjilio Ferreira.)

transfundindo-a divinisada no espirito enternecido dos Homens.

Palmas verdes e grinaldas acenavam no ar interminavelmente...

E coberto de rosas, no mar d'harmonia das inumeras vozes, sob o Sol d'oiro e entre as estatuas — o desconhecido era bem outro, como um velho fauno que vivesse de novo depois de o ter cegado a brancura dum corpo entre a folhagem, em horas de desejo, ardentes e ligeiras, — remoçando numa manhã doirada, coroado pelas Horas num triumpho d'Amor...

* * *

E lá o levaram na onda harmoniosa, e lá foram todos, entre canticos e teorias, a saüdar, sob o Sol, a estatua perfeita da Estação Nova, á beira da Agua florescida e branca.

Interminavel e gelado de brancura, um manto interminavel de lirios se estendia sob os seus pés ligeiros... E o corpo alvente e perfeito da deusa desabrochava florescendo em Vida, corporisando um sonho, sorrindo ás coisas e aos Homens, terrenal e divina como os corpos e as almas de Deus.

Em volta, os troncos reverdecidos curvavam-se para ella, procuravam-na para se divinisar tocando os flancos divinos com as mãos tremulas e verdes...

E a agua possuia-a toda, numa volupia liquida tremendo e diluindo os contornos alventes na transparencia glauca da paisagem reflectida e funda...

Ela era bem a consagração heroica e radiosa da Vida, brotando da felicidade humanissima de todos, num gesto libertado e calmo de Vitoria!...

Os poetas, que eram todos os Homens, vinham sonhar á sombra da sua Beleza...

E vinham os noivos enlaçados beijar-se á sombra para que, dos flancos divinisados e fontes de Vida, a Vida brotasse harmonica e perfeita, divinamente bela...

E as creanças cobriam-na de flores, acenando-lhe beijos, ao passarem da Escola ou nas festas pagãs da Terra generosa...

* * *

Já a cobriam toda as flores que caíam das mãos e do coração dos homens...

A agua calma iluminou-se absorvendo as côres e a Vida que se refletia...

E os ramos verdes negros de seiva suspensos, extáticos — sentiram as lagrimas que subiam, numa emoção de entusiasmo, até aos olhos vegetaes e multiplos das arvores que sentem como os homens e sem poder falar.

* * *

Por aquele caminho, por aquela hora rejuvenescida, filha primeira da Sombra, a respirar a humidade luminosa e calma d'aquela madrugada, — pelas alamedas opacas de seiva e de folhagem, — se foi, cantando, o Homem...

A sua voz, no silencio ruidoso e fundo daquele madrugar lindo, — inquieta e varia, como o som demorado de onda preguiçosa, ou um canto de guerra, ou triunfos soando, — envolve todas as alegrias e toda a força e todos os enternecimentos.

— O infinito desejo de abraçar as coisas que ao redor palpitam e aspiram e sonham... A infinita ancia de fundir-se na Vida a nossa vida, para palpitar e reviver na unidade adivinhada, para ser seiva vitalisando troncos, sonho de rocha adormecida, transparencia de lago entre folhagem, e voz de fonte e alegria divina...

Entre as sebes de madresilva bem cheirosa e florida, passavam os rebanhos... Olhos liquidos, ternos, num sorriso imovel, — os olhos das *reses* reflectiam a suavidade enternecida do ceu...

Atraz, na recurva do caminho estreito entre as folhas altas e laminadas das piteiras — o Pastor seguia, rijo peito moreno espreitando entre as dobras alvas do linho, e o olhar calmo, socegadamente...

Devia ser longe a sua terra, a do caminheiro que ouvira os filhos da Terra, na festa panteista e religiosa.

Tam longe que nem ele a poderia encontrar talvez...

Tam diferente aos seus olhos que talvez ele a não conhecesse agora,

— na confiança que o fortalecia hoje e no explendor que lhe doirava o espirito iniciado e livre...

E como se dirigia para o nascente, o seu olhar viu a claridade suáve e olimpica do ceu anunciando o Sol...

Depois adormeceu, quando o Sol ia alto, á sombra fresca dum loureiral, aonde os zefiros passavam suspirando, e perto das estatuas brancas entre a folhagem excessiva, sobreviventes, quêdos duma ruina imensa que não pudéra extinguir-lhes a vida divinisada no marmore impassivel..

E ao murmurio encantado das aguas que passavam nos seus leitos musgosos, sob o olhar fraternal e amigo das ninfas e dos satiros, — o Homem relembrou, sonhando, uma vida passada, explendorosa.

. . .

E partiu quando a agonia generosa do Sol dourava as fransas sussurrantes das arvores e a Sombra caminhava com passos leves entre os troncos misteriosos que falam á sombra misteriosamente...

Sobre o bosque silencioso e calmo, sobre o seu seio opresso de infinitos ruidos que se calam, — a lua enorme, nobremente, toda branca, subia, e o seu olhar dum verde submarino e vago, animava a paisagem duma outra vida espiritual, suspensa...

No bosque, como na agua, ao longe, numa fonte sonora, um rouxinol cantava...

Toda a noite, á luz das estrelas e atravez o silencio divino em que se recolhia adivinhando mundos novos na sua nova alma, — ele percorreu o caminho imenso.

E quando o Sol rompeu sobre a colina que dominava a cidade ainda na sombra, — o seu corpo rejuvenescido e forte ergueu-se sobre o monte que naquele tempo e naqueles occasos era o sepulcro do Sol...

Compreendeu então, reviu o que dizia aos filhos da Cidade, aos escravos inconscientes da Sombra, seus irmãos e companheiros numa vida que ele já não compreendia.

E quando o Sol dourou a fumarada espessa sobre as fabricas negras e extensas que lembravam açougues, — quando a cidade se iluminou e pareceu viver a Vida clara da manhã que nascia, — foi-se o Homem descendo o monte, a fronte erguida, — para dizer aos seus irmãos a Boa-Nova...

Rafael Angelo.

CRAVOS

I

Cravo e Violeta, — imagens
Da nossa Alma Portuguêsa
Um pensamento de fogo,
Um fundo olhar de tristêsa

II

Branco, amarello, vermelho
Vira Trindade das Côres...
— Cravo branco! talvez sejas
Um Jesus prégando ás flores.

III

Cravos vermelhos, são chamas,
E' fumo, a arder, seu perfume
O' Cravo! as tuas raizes
Ou são de amor, ou de lume

IV

Os Cravos, como Jesus,
São amigos da Pobrêsa
Em quanta casa sem pão
São rico Pão de Bellêsa!

V

Olhos tristes, trigueirinha
Retrato do meu Amor
A bocca, cravo de fogo,
Como um sol, queimou-lhe a côr

VI

Tua bocca, é como um cravo:
As palavras que me dizes
Arraigam-se na minha alma
Como se fossem raizes.

VII

Tenho cravos á janella,
Não lhes dou agua, Maria
Rezo o teu Nome, — e o teu Nome
Orvalha-os de noite e dia.

VIII

Quem ficar com este cravo,
Ha de têr, por boa sorte,
Amor de raiz tão funda
Que se prenda á vida e á morte.

IX

Olha um enxame de abelhas,
Sôbre os cravos, em redor..
São tal qual os meus sentidos
A' roda do meu Amor

X

Cravo vermelho, era Antonio,
Um cravo branco, Maria,
— Côr de rosa, é Casamento,
Côr do proprio alvor do dia...

XI

Ao cortar, para levar-te,
Um cravo do meu jardim,
Ouvi dizer á raiz,
«Leva-me tambem a mim...»

XII

Quando cortes ao craveiro
Algum cravo (ó meu Amor!)
Dá-lhe, em paga, um beijo: dá-lhe,
Por uma flôr, outra flôr.

XIII

Amas um cravo um instante
E não pensas, com certêsa,
Quanta dor e amor profundo
Custa um cravo á Naturêsa!

XIV

Quando tu cortas um cravo,
Descuidada e distrahida,
Olha o teu crime! — roubaste
A' Vida um beijo de vida.

XV

Cravos que levas ao seio,
Dizem, mortos, n'um sorriso
«Tirou-nos á terra, a morte:
Estamos no Paraiso...»

XVI

Compraste um cravo, e em teu seio
Soffre a morte, em gloria e em luz...
Tambem Jesus foi vendido,
E tambem morreu na cruz.

XVII

Uma Santa, muda em flores
Oiro que leva á Pobrêsa
Foi em rosas? foi em lirios?
Foi em cravos, com certêsa!

XVIII

Filhos da terra e do sol,
Naturaes como a Verdade
Valem mais cravos da aldeia
Do que os cravos da cidade.

XIX

Portugal, jardim de cravos:
Beija-o o céu, ao sol-pôsto
E a côr dos cravos, parece
Subir-lhe, em ondas, ao rôsto

XX

O cravo é como um Sacrario:
Luz, e Hostia onde se encerra,
Em corpo, em côr, em perfume,
A alma da Nossa Terra.

(Versos compostos para uma festa de caridade no Parque das Laranjeiras — Junho de 1910.)

Antonio Corrêa d'Oliveira

Algumas palavras sôbre a ortografia seguida em "A ÁGUIA,,

Esta revista é essencialmente literária e científica; como tal deverá em tudo respeitar e conservar essa índole, modernizando-se e seguindo *pari passu* os que pugnam pelos progressos da literatura nacional, compreendendo portanto não só o desenvolvimento da cultura intelectual, mas ainda a regularização do verdadeiro e exacto modo de escrever o próprio idioma.

Vi pois com satisfação, no primeiro número, que a ilustrada Redacção enveredara pelo bom caminho, deliberando adoptar a ortografia moderna, ortografia racional e cientificamente simplificada, ortografia nacional; ortografia que, além da autoridade e competencia de nomes que tem a justificá-la, como Gonçálvez Viana, Gonçálvez Guimarãis, D. Carolina Micaelis de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo, e outros mais (não falando em jornais e revistas literárias que mais ou menos a vam seguindo), tem a vantajem de ser acessível a todos, de todos compreendida, e de evitar muitas cacografias e inexactidõis, e por vezes sérios embaraços em ortografar ou pronunciar certos vocábulos, como acontece com a ortografia antiga, meio etimolójica meio sónica, sobrecarregada por vezes de «artifícios eruditos, que a complicam inutilmente e a tornam irregular e incompreensível»; artifícios estranhos à evolução conhecida da língua pátria, e que não constituem «elementos essenciais da sua escrita herdada e lejítima».

Parece-me porém agora, e com sentimento o digo, que a ilustrada Redacção tenta arrepiar caminho! Vejo cada artigo escrito com ortografia própria do seu autor, isto é, tantos artigos tantos sistemas ortográficos, embora a Redacção pareça seguir *oficialmente* a ortografia nacional. Ja explicarei este *pareça*.

Ora, francamente, tal diversidade de ortografia, as diferentes grafias dum mesmo vocábulo, a irregularidade na escrita de palavras, cuja base ortográfica deve ser comum...... é incoerente e inconveniente: incoerência que não assenta bem numa revista literária, inconveniencia que põi em dúvidas o leitor menos instruído, sem saber por qual optar, sem poder determinar-se pela verdadeira.

Escusado seria afirmá-lo: não pretendo dar liçõis a ninguém, e respeito as opiniõis alheias; não quero corrijir, e muito menos censurar. Exponho, apenas, com franqueza e urbanidade o meu modo de pensar.

Disse eu *pareça*. Porque: segue todas as regras em que se baseia o emprêgo da ortografia nacional, mas .... nem sempre, mas nem em todos os casos, certamente (assim o creio) por inadvertência ou revisão pouco acurada. Tanto mais que, eu o confesso, custa a desarreigar inveterados hábitos.

E na verdade, quem tam acertadamente aboliu o *y* e o *h* (conservando este apenas quando inicial, e na formação das palatais compostas — *ch, lh, nh)*, quem substituíu o *ph* por *f* e o *ch=(k)* por *q*, quem reduziu as consoantes geminadas, quem suprimiu as consoantes inuteis, quem acentua sempre os vocábulos e exdrúxulos, etc., etc., deverá em rigôr e por coerência escrever sempre — *Anjelo, empresa, quis, reflecsão* (ou *reflexão), espanhol* e *Espanha, pais, pesar, descansar*, etc.

Desejaria eu que o rigôr e coerência fôssem mais lonje; que abranjessem a ortografia exacta e verdadeira nos patronímicos, escrevendo-se (como exije a evolução fonética) — *Díaz, Guédez, López, Sánchez, Simõiz*, etc.

Causará estranheza, repugnará até a alguns no princípio; emquanto não se habituam.......

E que direi do impertinente e arreigado abuso de substituir o *É* e o *Á* (iniciais do período) com acento agudo por *E', A'*, com apóstrofo! Como se isto fôsse indiferente!

E por aqui me quedo hoje, esperando que a ilustrada Redacção me releve esta irreverência, e a minha despretenciosa e desalinhavada prosa.

1911

A. A. Cortesão

Nota da Redacção:

No próssimo número responderemos ás considerações feitas neste artigo do sr. dr. Cortesão.

OS CABELOS DE INÊS

Deus, e o seu espantoso Juizo...
Testamento de Pedro I

A's mãos de D. João VI chega, um dia,
dos cabelos de Inês um pouco de oiro,
de esse adorado tesoiro
loiro, que ao Sol de outrora refulgia.

Raios de fina luz, tinham chegado
do silêncio do túmulo dormente,
— fios de mel doirado,
raios de Sol ardente —
e com seu vivo lume resplendente
por dentro o haviam todo iluminado!

Toma-os, curioso, nos seus gordos dedos,
o rei, e para vê-los se prepara...
Os cabelos aonde se poisára
boca amorosa e anciosa, em beijos e em segredos...

Mas eis que o vento arranca esses cabelos
de aquelas mãos, no irado gesto aério!.

- Graças te dou, ó vento de mistério...

E nunca mais ninguem conseguiu vê-los.

1909.

Affonso Lopes Vieira

Trechos d'um livro inedito

I

Reparae n'um homem civilisado, rico, intelligente e feliz; olhae-o bem; tirae-lhe o chapeu alto, o casaco, as botas de vernis; despi-o, emfim: vereis a miseria da carne tentando um feroz regresso ás formas caricatas do orangotango inicial.

Ide mais longe; penetrae-lhe o esqueleto, atravessae-lhe as entranhas: vereis então a maior das pobresas, a miseria absoluta, a ausencia de alma.

Sim: conforme a alma vae desapparecendo, o corpo vae-se sumindo e, apagando nas indecisas, grosseiras formas originarias. Por cada sentimento que morre, o coxeis augmenta um élo.

As creaturas de que se compõe a parte dominante da sociedade, estão já mais proximas do macaco do que do homem. As abas da casaca são feitas para encobrir os primeiros movimentos compromettedores da cauda... a bota de vernis tenta apertar e reduzir o pé que principia a prolongar-se assustadoramente. A luva realisa, nas mãos, o mesmo papel hipocrita...

Continuae na vossa analyse do homem civilisado que parou agora, além, em frente d'uma vitrine de ourives, attraido, como os moscardos, pelo fulgor dos brilhantes, das esmeraldas dos rubis, dos tapazios, de todas as pedras, emfim, que o homem não póde atirar ao seu semelhante.

Olhae-o bem; a primeira cousa que nos fére é a *hostilidade* que se exhala de toda a sua phisionomia. Tudo n'elle é forcado, contrafeito, artificial; o collarinho alto esgána-o sem piedade; o vidro do monoculo contráe-lhe o rosto afflictivamente; o bigode parece conservar-se bem torcido e no *seu logar* á custa de mil sacrificios; os pés gritam asfixiados dentro das botas elegantes; os seus cabellos tombam para nunca mais se erguerem, sob o pêso caricato do chapeu alto, torre de ridiculo, tubo negro de chaminé, por onde sáe o fumo das ideias em combustão!...

Este homem, para se conservar assim, n'aquella attitude difficil, n'aquelle equilibrio de palhaço elegante e fino, deve soffrer imenso! A posição d'um crucificado é mais comoda, com certeza. Vê-lo, causa calefrios, os nossos olhos arrefecem ao contempla-lo. Todo elle *é hostilidade, antipathia;* da sua ridicula pessoa, como d'um arco distendido por mãos de barbaro, sáem rapidas settas invisiveis que incessantemente nos férem. A sua imagem, ao gravar-se no nosso cerebro, deixa n'elle uma impressão de aspereza.

E véde, sobretudo, aquella fronte inexpressiva, como um espaço de charneca ou de deserto: é uma simples caveira envernisada, um espaço vasio, vedado a qualquer ideia ou sentimento; é um quarto por habitar, com cisco e teias de aranha; e quando alguma laboriosa aranha se agita, no seu perpetuo labor de tecedeira, o homem estremece, senta-se á sua escrivaninha de ébano e marfim, apoia a fronte sobre a mão esquerda, scintillante de aneis, e julga que teve um pensamento!

Elle é a *Aridez*, a *Antipathia;* phenomeno estranho á Natureza onde tudo se liga e attráe!

Os Colaboradores d'A Águia

Maria de Castro (Desenho de J...)

O sol-pôr é sympathico ao sapo e ao namorado; a estrella sympathisa com o charco e n'elle se reflecte, e o lódo imundo fica ébrio de luz! O proprio tigre, na sua ferocidade sincera, é sympathico, porque o tigre *é sempre tigre.*

Sómente na Humanidade, ha creaturas humanas que não são *creaturas humanas.* Quantas vezes, olhamos para um sêr que tem dois pés, duas mãos, a espinha vertical, que cobre o corpo com um fato, que segura nos dentes um charuto, e dizemos:—eis alli um homem. Todavia, aproxima-mo-nos d'elle, ouvimos-lhe duas palavras, e... basta! Lá se foi a illusão. Não era um homem, afinal. Um outro bicho? Tambem não. Apenas um *monstro,* um abôrto, um producto horrivel da civilisação moderna: a mentira de carne e osso! E a mentira é a mãe da antipathia. A faculdade que o homem tem de ser *mentiroso,* isto é, *antipathico,* é o que o destaca dos outros sêres; não é a Razão, como pretendem os Philosophos bem humorados: é a *Mentira.*

Tolstoï, por exemplo, está mais perto da pomba e da árvore do que do homem vulgar

E é na faculdade de mentir, que caracterisa a maior parte dos homens actuaes, que se baseia a civilisação moderna. Ella firma-se, como tão claramente demonstrou Nordau, na mentira religiosa na mentira politica, na mentira economica, na mentira matrimonial, etc....

A mentira formou este sêr, unico em todo o Universo: o *homem antipathico.*

Actualmente, a mentira chama-se utilitarismo, ordem social, senso pratico; disfarçou-se n'estes nomes, julgando assim passar incognita.

A mascara deu-lhe prestigio, tornando-a mysteriosa, e portanto, respeitada. De fórma que a mentira, como ordem social, póde praticar impunemente, todos os assassinatos; como utilitarismo.

todos os roubos; como senso pratico, todas as tolices e loucuras.

A mentira reina sobre o mundo! Quasi todos os homens são subditos d'esta omnipotente Magestade. Derrubá-la do trono; arrancar-lhe das mãos o sceptro ensanguentado, é a obra bemdita que o Povo, virgem de corpo e alma, vae realisando dia a dia, sob a direcção dos grandes mestres de obras, que se chamam Jesus, Boudha, Pascal, Spartacus, Voltaire, Rousseau, Hugo, Zola, Tolstoï, Reclus, Bakounine, etc., etc....

E os operarios que têm trabalhado na obra da Justiça e do Bem, foram os párias da India, os escravos de Roma, os miseraveis do bairro de Santo Antonio, os Gavroches, e os moujiks da Russia nos tempos de hoje. Porque é que só a gente sincera, inculta e barbara sabe realisar a obra que o genio anuncia? Que intimidade existirá entre Jesus e os rudes pescadores da Galileia? Entre S. Paulo e os escravos de Roma? Entre Danton e os famintos do bairro de Santo Antonio? Entre os párias e Boudha? Entre Tolstoï e os selvagens moujiks? A enxada será irmã da penna? A fome de pão parecer-se-ha com a fome de luz?...

Teixeira de Pascoaes

A UMA ROMANZEIRA

Romanzeira d'amor! Romanzeira de glória! . . .

Ao ver-te em flor, como que se abrem na memória
As portas do passado — e a magia distante
Volta a prender-me o olhar extasiadamente . . .
Que poder suggestivo o teu, ó linda amante,
Cujà flor de coral é como um beijo ardente!

Ao olhar-te agora, d'este poente em que esmorece
A minha mocidade esplendida, parece
Que me resurge a vida, a germinar esp'ranças
Neste deserto de miragens caprichosas,
— Como tu, que no verde espelhento das tranças
Estás cheia d'amor, e toucada de rosas . . .
Meus olhos brilham mais, presos da tua graça,
Sou aquelle que um dia avistou, a acenar,
Outra vez a Illusão (tudo que é lindo passa!),
Mas que voltou, da sua nuvem, a chamar . . .

Romanzeira d'amor! Romanzeira de glória! . . .
E's, sempre noiva e moça, um pedaço da historia
Dos que tivemos fé, de todos os que amámos,
E em annos que lá vão, claros e generosos,
Caminhámos ao sol, e a sorrir, para a Dôr!
Sejam bemditos, Romanzeira, esses teus ramos,
— Braços que erguem ao céu os risos amorosos,
Que em nós se chamam sonho, e em tí se chamam flor! . . .

Como quem, já viúvo, encontrasse na estrada,
Outra vez nupcial a sua namorada,
Olhos doidos de sonho, a boca ainda vermelha,
Um beijo ainda a zumbir-lhe á volta, como abelha
Junto á flor do tomilho, ou trevo, ou rosmaninho;
E, parando encantado em meio do caminho,
Levasse ao peito a mão, no gesto dos amantes,
Sentindo o coração bater-lhe como dantes,
A segredar: «Repara, olha a tua noiva anciosa!»

Assim eu fico ao ver-te, ó árvore amorosa! . . .

Porto.

Julio Brandão

Augusto Comte

A obra monumental de Augusto Comte ocupou o pensamento do fim do seculo ultimo. Não foi um sistema isolado, determinado por uma cultura particular atravez d'uma cerebração individual.

Foi a vasta realidade mental

Augusto Comte (Nascido a 19-1-1798)

Desenho de Jaime Cortesão.

de então, elaborada por um espirito profundamente sistematisadôr e claro.

Em Comte tudo é claro, desde a sintese objectiva á sintese subjectiva. A tranquilidade mental é procurada primeiro na clareza das ideias sobre a realidade, isto é, na tradição carteziana. Depois o filosofo, que sempre é um apostolo, vai do homem para o mundo, já conhecido pela filosofia positiva.

A sintese subjectiva, subordinando a realidade já construida ao homem, não está fora dos principios filosoficos do sistema, nem da verdadeira interpretação do logar da ciencia na vida. Unicamente a propria vida é in-

fluenciada e modificada pelo conceito, que se faz da realidade. E este conceito é em Comte errado, porque lhe falta o necessario preliminar gnosologico, que lhe teria evitado muitos erros e aberto muitos misterios inhibidores do seu pesado sistematismo. Assim perdeu a ciencia, que de fim passa a meio, e perdeu a realidade subjectiva, que, empobrecida pela sistematisação objectiva, se reduz a um novo antropocentrismo.

Um principio de unidade objectiva encontrou Augusto Comte — o da metodologia cientifica. Mas por falta d'uma teoria do conhecimento, explicita e clara, não aparece a verdadeira relação do objectivo para o subjectivo.

Este tem de partir d'um dado complexo, sincretico, que subordina o mundo ao ponto de vista do humano, imediatamente dado.

Ora é na analise d'esse humano, que surge o real e o ideal, o valôr e a realidade; portanto todas as duvidas e todos os problemas. Mas, como dissemos, Comte representa as necessidades d'uma epoca de indisciplina e de esteril loquela metafisica. E' um apelo ás indiscutiveis realidades, que o homem, envolvido no seu sonho medieval, desconhecia.

Augusto Comte perdurará, o positivismo já morreu.

O SOLDADO

Enlanguescido o olhar, tenta dormir, agora,
um instante, depois da refrega maldita . . .
Mas ouve inda o marulho, o borborinho, a grita
immensa, que perpassa acampamento em fóra!

Em vão! Cobre-o o pavôr . . . Em vão! soluça e chora!
E surge ante a sua alma essa illusão bemdita: —
uma vida feliz, um campo, uma casita,
uma noiva p'ra amar — d'olhos cheios d'aurora!

Porque foi, afinal, que o roubaram á terra, —
á terra que o seu braço heroico fecundou,
para a vida do amor, do bem e do porvir?

Porque foi, afinal, que o armaram para a guerra?
Porque vinha morrer? E elle — porque matava?
- E assim passou a noite, a scismar, sem dormir! —

José Augusto de Castro

RENASCIMENTO

PROFECIA DO FUTURO

Como num outomno desbotado, com côres apressadas tonificando o ceu, as folhas caem no melanchólico sussurro das coisas mortas, — as velhas illusões que os tempos antigos nos foram legando pelo sangue e pelos livros, caíram de vagar. Ficou despida a arvore do ideal, animada do segredo das seivas que prenuncia a primavera nova: nos seus braços nus a intima ronda da [illegible] cura côr para desabrochar á flôr do caule

Neste momento unico da sua vida, o homem marca uma edade na historia. Fôram-se uma a uma as caracteristicas da edade que ahi passa. Ha em todos nós, na vida das sociedades, nas novas expressões de pessoas e coisas, a vaga aspiração d'um mundo melhor.

Foi assim tambem quando no fim da Edade-Média a Egreja e os Senhores olhando em torno viram á volta de si uma coisa nova: o Homem. A religião, dominando os fieis, ligando-os á mesma fé, na mesma cêga defêsa que gerou as primeiras cruzadas, fundíra cada individuo numa mássa, com a mesma esperança na mesma vida eterna e as mesmas expressões na vida terrena. Chamáram-lhe a multidão dos fieis: mas verdadeiramente devemos chamar-lhe o christianismo. Multidão — entende individuos que se juntam; e o christianismo era a mesma pessoa, essa que gerou o cantochão quando erguia no templo a sua alma a Deus, e para a erguer gerára o templo gothico.

Pouco a pouco o homem aparecia; e quando no alvorecer doirado da Renascença o solo inundava todo, sentiu que o mundo começava para si, e que todo o tempo passado era um vão tempo de trêva e barbaria, como diriam mais tarde historiadores sisudos riscando papeis de linho com seus calamos de pato.

O mundo feudal caíra. E na derrocada d'essa sociedade, os senhores desappareciam para se erguerem dentre os escombros homens e regalias, nacionalidades e reis.

Mas não era só o homem que surgia.

Vinha com elle a pintura, que em breve ainda desceria dos muros para subir aos cavalêtes. Com elle chegava a musica profana, ora abraçada aos poetas das representações, logo liberta e senhora de si. Vinham as côres, e enchiam os quadros as figuras humanas; chegavam as republicas italianas, ciosas de liberdade. O theatro corria as feiras, os tablados das praças, as portas das egrejas e as ante-camaras dos reis. A historia invocava os herois do tempo antigo; e os épicos achavam-nos pequenos comparados com os do seu tempo. Porque o homem rasgava desconhecidos e assenhoreava terras novas. Já o drama aparece, desenrolando conflictos humanos, envolvendo o individuo d'uma tragedia aos olhos dos outros individuos. E em vez de se erguerem nas cathedraes agulhas de pedra ao infinito de Deus, alevantam-se arcos, impávidos de [illegible], á heroicidade dos homens

Para todos chegava um *dia novo*. Vislumbravam-no chronistas ingenuos, quando apercebiam o povo clamorando ás portas do rei-senhor; e cantavam-no depois os poetas, esquecidos da treva e da ignorancia. *Dia novo, mundo novo* . . . E num dia novo e mundo novo se sentiam

Ainda em nosso dia ha tyrannias, — e já ha muito o homem sentiu o crepusculo dos tyrannos. Ha oppressôres

em cada banda, — e o homem, de plena consciencia, sabe que ellas existem pela força do direito, mas que esse direito foi criado por homens em tempos passados, e essa força nasceu para manter esse direito.

Como na sua jornada ideal o homem caminha sempre, a cada dia o seu olhar rasga novas perspectivas, e ha belezas inéditas na vida que os seus sentidos não gustáram ainda. Mas como o velho chronista, elle assiste á quéda de poderes antigos, e vê que os idolos téem, como a velha estatua assyria, a cabeça de oiro e os pés de barro. Quando virá a pedra, rolando monte abaixo, inexoravelmente?

Ainda há pouco o heroi do mundo era Fausto, preso nas convenções, resignando-se a Acção, esperando sempre pelo reino ideal; e já um novo heroi se divisa. E' Parsifal, adolescente, dirigindo-se a Monsalvato. Quando erguerá na sua mão o calix da vida?

Quando o homem, senhor supremo, sentir em si mesmo o alpha e o omega da existencia, e se saiba germen e fecho da criação.

Renascimento!

Ha alvoradas em toda a parte. Tocam os clarins dos velhos dominadôres do homem; mas as sentinelas fogem para se encontrarem no largo planalto dominadôr com os homens seus irmãos.

Renascimento!

Ha tintas novas nas palêtas da natureza; e o homem vê-as, escolhe-as, — e começa a encher a vida de belleza, tornando-a bella em si mesmo.

Renascimento!

Como ha quinhentos annos, acordando dum somno, de novo o homem acórda, — mas agora para sentir-se liberto de todas as forças humanas, liberto das proprias forças da natureza. Em quinhentos annos o homem construiu um longo arco ogival: pôs dum lado essa força muscular da Renascença; no fecho da ogiva lançou a labareda da Revolução francêsa; e da outra banda começou a esculpir o capital do Renascimento dos nossos dias, que será inteiro no dia em que o homem-esculptôr termine o seu trabalho.

* *

Amanhã, dispondo de todos os meios de observação, de analyse, o homem realizará essas obras que os artistas de hontem não podéram realizar. As côres, na sua multiplicidade de hoje, só tarde e lentamente começáram a scindir-se na retina do homem; pouco a pouco a sua distinção foi-se tornando mais clara desde esse portico da Edade-Média, em que um simples conhecimento das côres primarias chegára ao homem, até aos dias presentes em que nossos olhos não conseguiram ainda ver algumas, como o ultra-violêta.

As fórmas de arte, que o critico soberano do logar-commum envolveu em *escolas*, provêem precisamente do successivo conhecimento de novos materiaes. A paysagem, cujo sentido nos aparece primeiramente nos primitivos flamengos, trouxe de lá seu cunho heraldico, que mais tarde se viu rivalizando com o cunho pastoral, grandioso de pastoral, que as côrtes faustosas e as epocas faustosas requeriam. A observação fazia-se atravez do antepáro do meio: e o meio das côrtes pomposas e dos tres seculos de oiros, de plumas e de Arcadia não deixavam saír desse molde.

Surgiu o romantismo? De novo a fórma heraldica surge. E os fundos dos romances do romantismo sam trabalhados pelo mesmo processo com que os velhos artistas da Flandres trabalhavam os seus fundos.

Por isso mesmo a paysagem, animada do sentimento vivo da natureza, só recentemente se constroe. E o primeiro grande *naturalista*, digamos assim, aparece na Inglaterra, onde o triumpho da democracia, promovendo a observação directa do personagem e do meio já gerára processo identico no romance de Fielding, esse naturalista do século XVIII. Constable foi o primeiro paysagista digno deste nome: e entretanto apareceu na Inglaterra em principios do século findo, quando a solemne Europa ainda punha em seus romances e em seus fundos a paysagem heraldica, — ou abstrahia della, seguindo o mesmo desdem que vinha já dos mestres da Renascença, correndo sempre até então, para só ver as figuras.

Successiva observação chamou a paysagem côres successivas. Os naturalistas do romance entram a usar processos identicos dos naturalistas da pintura, — englobando em tal nome essas *escolas* diarias que mutuamente reagiam; e quando a paysagem faila nas télas antigas, a descripção caracteriza nos romances o conflicto gerado em certo meio.

Nos nossos dias, Millet attingiu essa altura em que figuras e paysagens se tornam syntheses.

Mas toda a convergencia das coisas de hoje para um ámanhã advinhado, nos faz prever uma tal eclosão dum homem novo, que invocamos esse *dia novo* que os poetas de Renascença louvavam no seu tempo. Homem verdadeiramente novo, o homem de ámanhã realizará obras de arte com um sentido bem differente que essas geradas e criadas em quatro séculos de individualismo. Senhor de si, não sentirá tyrannias politicas ou tyrannias religiosas: por isso mesmo o seu processo ha-de despir-se dum meio falso para só reflectir a altura imaculada e transparente do homem liberto, de plena posse do mundo. Na sua ascensão, o caminho espiritualizar-se-ha: não virám como dantes pedras rolando ameaçadoras, desviando-lhe a trajectoria.

Para vêr o mundo sob todos os aspectos faltava-lhe vê-lo d'alto. Mas a sciencia pôrá na sua mão á força do motôr; e homem-ave voará serenamente a par do vôo das aves. Ha-de erguer-se da terra, abrir as azas: e nesse abrirdobrar de azas de ferro, potentes e formidaveis, olhando as coisas em baixo, a seus pés, o homem sentir-se-ha realmente senhor do universo, e irá nuvens fóra, com a propria força, expulsar Deus do velho esconderijo. A vista das coisas de alto trará ao seu espirito um aspecto novo: a sua intelligencia ha-de gerar a synthese, arte dos fortes e dos conscios, arte dos simples, arte do futuro.

Para lá caminhâmos. Presentem esse estado definitivo tantas e tantas soluções duma crise artistica que é uma crise de ideal, que o nosso tempo géra, na inquietação de attingir a grande fórma do futuro e de lá chegar primeiro.

De vagar... De vagar... Para que da longa noite da Edade-Média, em que o homem se perdêra, saísse o sol da Renascença, illuminando o homem, quantos tumulos se não abriram, quantos talentos fortes, que mais tarde poderiam desfumbrar, se não fecháram?...

A inquietação do nosso tempo é a inquietação de Rodin, trabalhando sempre em busca de certo ideal que o persegue, para no final encontrar a technica do movimento, erguendo uma fórma artistica material a essa altura de imaterialidade e expressão que o *Balzac* nos mostra. Que importa que a Academia reagisse, surpreza ante o desconcerto das proporções e da maneira externa? As figuras do artista erguiam atravez das suas desproporções o conjunto harmonico resultante do exagero de certas partes na mesma relação proporcional com as outras, deixando resaltar por completo o *caracter* dominante da

figura. Que importa que essa *Societè des gens de lettres*, indignada, recusasse o *Balzac?* Dessa extranha cabeça, ala-se o romancista da *Comedie Humaine*, dominando-nos.

A critica burgueza das proporções! — Como se a arte tivesse apenas por fim fixar o comprimento dos braços, sacrificando a expressão *total* da obra a certo centimetro a mais que o autor deixou caír junto das falsas costellas!...

Esta inquietação, manifestada no numero infinito de correntes que a esta hora procuram base e se projectam em obras de arte, porventura será filha da mesma aspiração á unidade, como as sciencias mostram, e como, referindo-se ás fórmas de arte, algures pergunta Mauclair?

Indubitavelmente.

No nosso país, as manifestações artisticas que têem aparecido nos ultimos dez annos, destituídas de espirito scientifico, todas procuram o mesmo ideal, todas teem como objectivo essa *synthese esthetica* para onde todas as actividades veem convergindo. E' ver como as obras de Teixeira de Pascoaes, Antonio Correia de Oliveira, Affonso Lopes-Vieira, João de Barros, e dos moços poetas Jaime Cortezão, Affonso Duarte, Augusto Casimiro, partindo de tantos e tam distantes pontos, se sentem atraídas na altura e demandam o mesmo fito.

Um estudo isolado sobre os nossos pintores e sobre cada um dos nossos poetas impõe-se para já ao mais apto, — a completar esse notavel estudo de Antonio Arroyo sobre *Soares dos Reis e Teixeira Lopes*. E' preciso saber-se que Portugal, pela sua geração nova, apezar da reação clássica das Academias, que sam em toda a parte o mesmo, caminha tambem para a synthese que a grande arte de Wagner, a pintura de alguns e a esculptura de Rodin afirmam, — já que as fórmas de arte se equivalem desde que sejam interpretes de principios emocionaes. Evoquêmos a phrase de Renan ante a Suprema Deusa Immortal na *Prière sur l'Acropole*. E digâmos com elle: «tu, cujo dogma fundamental é que tudo vem do povo, e que onde não ha povo para alimentar e inspirar o génio nada existe, ensina-nos a extraír o diamante das multidões impuras».

E quando cada um de nós tiver comprehendido a propria belleza, e a tiver amado amando a vida, cada um de nós terá realizado a sua *Oração sobre a Acropole*: e dirá ante a vida, e dentro della, que todos os deuses — tyrannos de religiões, tyrannos da politica, tyrannos de arte, tiveram o seu crepusculo. O homem deporá o gladio de Siegfried vencedor, para olhar a existencia; e verá que a vida é fonte e essencia de belleza, em si mesmo bella.

Para colher a Flôr dos Alpes, nesses pincaros inacessiveis onde o homem não chegou, e para onde a Estrada Nova ainda não foi rasgada, cada um vai abrindo sua verêda no caminho, tomando por gargantas largas ou rochas aprumadas, conforme a sua disposição pessoal.

Mas todos lá chegarám, — todos com surpreza se ham-de encarar, todas as vozes se ham-de erguer no mesmo hymno vibrante, dominadôr dos espaços. As águias reaes, senhoras dos penhascos que lhe ficarem aos pés, sentirám o crepusculo do seu dominio; e todos juntos, obreiros do mesmo ideal, entrarám a construir um edificio novo a que a voz do nosso tempo em vão levanta uma interrogação.

Tudo o mais é fumo que o vento das alturas dissipará.

Arte consciente

«A mais alta das Artes, disse Spencer, é baseada na Sciencia; sem Sciencia não póde haver trabalho perfeito nem apreciação justa». O grande philosopho affirmou que, para a prevenção de muitos erros, careciam os artistas de bases scientificas na investigação e na expressão da verdade.

A verdade, todavia, nunca foi, no campo esthetico, absoluta.

Ser verdadeiro é condição imprescindivel na communicação da ideia.

O critico, ordinariamente, dita o seu modo de vêr, nunca abdicando da sua natureza subjectiva, donde resulta inefficacia quando tenta esclarecer e guiar no caminho da perfectibilidade; se a verdade subsiste ou não, compete-lhe então demonstrá-lo; verdade personalisada, emanada da natureza intima, de harmonia com a natureza externa, emergente.

A arte gothica, duma expressão singular, *sui-generis*, causa-nos só admiração e prazer, quando regressamos ao periodo da sua florescencia e banimos inteiramente do nosso espirito todo o avanço da arte posterior; as inverosimilhanças, as monstruosidades, as aberrações de sentidos, tornam-se então logicas, acceitaveis.

Proclama-se a sinceridade, mas não se insiste bastante nos fundamentos em que ella tem de manter-se.

A sinceridade do homem culto diverge, discorda da do ignorante, na grande maioria dos casos. E ainda, na expressão dos factos, é mister apropriar meios que elevem e dignifiquem essa sinceridade.

Remontar ao archaico para o restabelecer por completo, conforme os pre-rafaelistas, é provar simplesmente extravagancia, cansaço mental, dissolvencia psychica.

Ascender e ascender sempre, sem desvios de direcção que nos precipitem no falso, amparados nas leis da optica e da mechanica até onde forem compativeis ou conciliaveis.

Ao sentimento, a cada passo, repugnam, é certo, algumas verdades mathematicas; isso, porém, não deve obstar ao progresso intellectual do artista para a creação de obras mais conformes ao espirito moderno, cada vez mais exigente.

Em summa: a obra d'arte só perdura e se justifica quando verdadeira ou verosimil na sua expressão, quando é ella o fructo duma mentalidade culta, duma individualidade conscientemente e profundamente emocionada.

J. A. Ribeiro

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Afonso Lopes Vieira

(Desenho de Jaime Cortesão.)

BIBLIOGRAFIA

Antero de Figueiredo e o seu novo romance «Doida de Amor»

Temos o prazer de publicar a carta que segue, do nosso colaborador Teixeira de Pascoais, dirijida ao ilustre autor do romance acima designado:

Fóz—6 Dez.—1910.

Querido amigo:

Sim: já li o seu admiravel livro; sinto ainda e ficarei a sentir para sempre a profunda comoção que anima e agita o corpo perfeito e vivo da sua prosa de Mestre.

A maxima emoção dentro da maxima arte, foi o que encontrei na «Doida de amor».

E' um livro inolvidavel pela vida que as suas paginas contém. Gabriella é irmã de Mariana, de Virginia, de Ophelia, Dido e Julieta, de todas as mulheres que encarnaram, n'este mundo, a Força mysteriosa que une os corpos humanos e os corpos celestes!

Gabriella é o amor carnal, doloroso e insatisfeito.

E' o grito supremo no supremo silencio!

Não sei como traduzir-lhe, meu querido amigo, a grande impressão que me causou essa figura da «Doida de Amor». O momento em que ella recebe as cartas e *vê!* que nem sequer foram abertas! é das cousas mais dolorosamente tragicas que se póde imaginar! Essas paginas são imortaes e elevam o seu auctor á altura dos grandes e verdadeiros interpretes da Vida e da Dôr!

São paginas que ficam gravadas a fogo na nossa memoria! E o phantasma d'essa doida de amor, dir-se-ha que nos persegue como uma ideia fixa!

Livro bello e admiravel!

Um grande abraço do seu admirador muito reconhecido, que o felecita calorosamente.

Teixeira Pascoaes

*

«A Arte e a Medecina — *Antero de Quental e Sousa Martins*» — Jaime Cortesão — Coimbra — 1910.

É esta a obra, que Jaime Cortesão apresentou como tese de formatura. O livro é um simpatico protesto do poeta contra as agressões, que o *sabio*, permitindo-se generalisações falsas, costuma fazer ao que está fóra e além do seu seguro, quando bem limitado, campo de ação. E' Sousa Martins a victima do preconceito cientifico, pretendendo *medir* Antero de Quental. Este é o ponto particular onde incide a analise do poeta. E Sousa Martins é combatido pelas incoherencias e contradições da propria doutrina. E' mostrada a irreflexão entusiastica de Sousa Martins, partindo, de opinião absoluta, a procurar em todo o hipotetico condicionalismo da personalidade de Antero a confirmação do seu preconceito.

Os factos insignificantes sam acrescidos na imaginação de Sousa Martins, ávida de tranquilizar a curiosidade especulativa e de *snobismo cientifico*. Outros factos, que melhor caberiam em mais larga hipotese, sam, ora apresentados como certos, garantindo a hipotese; ora acreditados como certos, mercê da hipotese. Este o problema particular de Sousa Martins e de Antero. O problema geral é mais complexo e o poeta indica-o nitidamente. O problema geral é uma questão epistemologica. Se os sabios tivessem uma regular cultura filosofica não se permitiriam certa confiança infantil, certa ingenua petulancia.

Não é nula a tradicional riqueza filosofica, e, n'ela, encontrariam os sabios os motivos da sua herança. Os fundadores da ciencia moderna foram igualmente os fundadores da filosofia e, só na evolução correlativa das duas culturas, se pode encontrar um ponto de vista suficientemente amplo e critico.

Todos os que procuram na biologia a explicação do genio aceitam consciente ou inconscientemente dois postulados — o do epifenomenismo da vida psiquica e o da inercia da mesma vida.

O primeiro não tem significado cientifico, visto que só cuida a ciencia de relações funcionaes. E' falso, porque a experiencia mostra que o tal epifenomeno actua, modifica e realisa.

A inercia psiquica pode ser apontada por leis estatisticas e n'isso se funda um certo estretio determinismo sociologico. Mas taes leis despresam realidades, que se não oferecem ao numero, mas que continuamente trabalham o futuro. Essa lei governa os carneiros de Panurjio, mas o verdadeiro homem é-lhe superior, fóra do alcance.

De resto a tal degenerecencia só serviria para lhe estudarmos o determinismo e levar o menino estupido ao medico especialista, que o entregaria feito um Pascal, Hugo ou Newton.

E' que a realidade é muito complexa e os *valóres* muito relativos; o *não-valôr* fisiologico poder ser o supremo valôr estetico ou moral.

A analise gnosologica do conhecimento cientifico levaria mais longe, muito longe mesmo. Mostraria como ha, na opinião dos grandes sabios, uma certa refração da realidade atravez da elaboração cientifica. Mostraria como todo o intelectualismo sofre de uma radical impotencia para a realidade, etc., etc.

Pelo seu lado a propria psicologia autonoma é incompetente. Na minha frente tenho um livro rapido e sobrio sobre a crise da psicologia experimental.

Não é esta que está em crise, são os seus metodos. Mas nunca ela desfibrará uma actividade de sintese, que sempre aparece como dado irreductivel. E ponho ainda de parte a geral incompetencia do intelectualismo, segundo uma nova, profunda e subtil filosofia.

Quando a psico-fisica nos fala da lei Fechner-Weber esquece a impossibilidade de obter a sensação pura, por causa da tal actividade de sintese, irreductivel, obstinada, persistente.

A figura de Antero pertence á Relijião, não á biologia.

Antero de Quental é o representativo da tragedia relijiosa. Nunca conseguiu vencer a desarmonia interior, achar o equilibrio do ideal e do real. O valôr e a realidade nunca se compatibilisaram em Antero. E isto porque n'ele cerebro e coração eram igualmente dignos, egualmente exigentes e magestosos. O Poeta procurava a face do Bem e o filosofo os olhos frios da Verdade.

D'ahi catastrofes interiores permanentes. Admiremos o filosofo, amemos o Poeta e haja em nossos olhos lagrimas de piedade e admiração por aquela alma tragica e sublime. Tragica porque foi em incansavel lucta. Sublime porque sempre viveu no Infinito.

Leonardo Coimbra

*

«Os 6 primeiros capitulos do Genesis» — E. de Carvalho — Gomes de Carvalho, editor — Lisboa — 1911.

E' uma critica cheia de irreverência e vivacidade a que neste pequeno volume se contém. Nem sempre as conclusões são evidentes; mas de principio a fim a discussão convence.

NOTAS

Miguel de Unamuno

Não inserimos neste número, como prometêramos, o soneto «Portugal» deste eminente escritor espanhol e ilustre reitor da Universidade de Salamanca, pelo motivo de o havermos entregado tarde de mais ao nosso grande Pintor António Carneiro, afim de o ilustrar.

Virá, porém, no n.º 5, sem falta.

Correios

Devemos informar todos os assinantes e leitores d'*A Águia* de que o n.º 3 desta revista foi lançado ao correio pelas 6 horas da tarde do dia 31 de dezembro. Se não foi distribuido nesse mesmo dia ou no seguinte, a culpa não é nossa.

Concerto

No espléndido salão Bechstein, que o distinto pianista snr. Raimundo de Macedo instalou na Galeria de Paris, realisou no passado dia 2 o snr. Carlos de Mesquita, pianista brazileiro, um concerto de obras suas.

Possuidor de bôa technica e sabendo vencer com intenção e colorido as escabrosidades por si mesmo postas, tem realmente o snr. Mesquita méritos para se fazer aplaudir, quer como autor, quer como executor.

Agradecemos o convite que nos foi ofertado.

Expediente

Doravante, não se satisfazem pedidos de assinaturas sem virem acompanhados da devida importáncia.

E a quem, confiadamente, enviamos recibos adiantados, rogamos o obséquio de satisfazerem, na volta do correio, a respectiva importáncia, a fim de, por tão pouco, não desmentirem o conceito que merecem.

Errata

No passado número, pájina 15, no artigo bibliográfico de Teixeira de Pascoais saiu *Buttere* por *synthese*.